

REINSCRIÇÕES DIASPÓRICAS NO CORPO SIMBÓLICO: LITERATURA ASIÁTICO-CANADENSE DE MULHERES

DIASPORIC REINSCRIPTIONS IN THE SYMBOLIC BODY: ASIAN-CANADIAN LITERATURE BY WOMEN

Resumo

No romance *Everything was goodbye* (2010), da escritora canadense Gurjinder Basran, um fato ocorrido na adolescência da irmã mais velha da protagonista, chamada Hajinder, irá demarcar seu destino dentro da comunidade indiana e por sua vez, estabelecer a tessitura de uma relação entre o corpo marcado diasporicamente e patriarcalmente como dimensões relevantes na escrita de mulheres imigrantes no contexto asiático-canadense. A marca deixada pela violência sofrida por Hajinder desencadeia tensões sociais e culturais, forçando-a a buscar por um novo lugar na sociedade vigente. Dentro da produção destas mulheres no Canadá, observamos que as personagens retratam em suas narrativas um lugar de subalternidade, seja esse lugar econômico, social, ou no microcosmo familiar e em paralelo com a sociedade *mainstream*. Dessa forma, o corpo demarca um espaço social conflitivo, já que se trata de um terreno simbólico explorado nas relações de poder para classificar e hierarquizar diferenças entre grupos e indivíduos, sendo também perpassado pelas subjetividades, como processo estabelecedor de sentido às nossas relações com o mundo. Dessa forma, nosso artigo discorrerá sobre a produção asiático-canadense e os embates relacionados à experiência diaspórica dessas mulheres no entre lugar.

Palavras-chave: Asiático-Canadense. Diáspora. Mulheres. Violência.

Abstract

In the novel *Everything was goodbye* (2010), by the Canadian writer Gurjinder Basran a violent act that took place during the adolescence of the protagonist's older sister, named Hajinder, tend to demarcate her destiny within that Indian community and, in turn, to establish a relationship between her body marked, by diasporic and patriarchal elements, what tend to be really relevant in the writing of immigrant women in the Asian-Canadian context. The violent episode experienced by Hajinder brings up several social and cultural tensions in that family group, forcing that young woman to leave her community, making ends meet on her own in a big city. In this way, the body demarcates a conflictive social space, since it is a symbolic terrain explored in the power relations to classify and hierarchize groups and individuals, being also permeated by subjectivities. In this sense, our article discusses Asian-Canadian literary production and incorporates a diaspora experience of women in the in-between space.

Keywords: Asian-Canadian. Diaspora. Women. Violence.

*blue ice
(o my Canada)
can I call
you mine
foreign sad
brown that I
am*

Lakshmi Gill

O mundo hodierno, no qual categorias múltiplas e distintas têm se tornado mais visíveis, depara-se cada vez mais com o questionamento das fronteiras geográficas e culturais entre grupos sociais distintos, resultantes, entre outros fatores, das intensas ondas migratórias que requisitaram uma reflexão quanto ao redimensionamento das noções de identidade e pertença, marcando e remodelando também o próprio conceito de nação. Entre os processos, desencadeados pelos encontros culturais provenientes da globalização, a nossa fonte temática – a literatura canadense – tem se tornado um campo fértil da produção de mulheres, principalmente daquelas inscritas como asiáticas.

Nesse contexto, nossa investigação sobre a literatura de mulheres asiático-canadenses partiu da observação da expansão dos estudos literários no Canadá quanto à representação das minorias e os questionamentos em relação às perspectivas defendidas pelo *White Privilege* vis-à-vis as diferenças étnicas vinculadas às negociações das múltiplas dimensões da vivência diaspórica. Essa emergente literatura, que ao final do século XX começa a romper com a invisibilidade e silêncio impostos ao longo da experiência vivida por esses povos (indo e nipo asiáticos) após a migração para o território canadense, possibilita que tais sujeitos possam criar novos espaços híbridos voltados para o “crescimento” e embates, tanto individual quanto coletivo, das denominadas minorias no território em que passam a se inserir. Assim, a reapropriação da história vivida por parte desses grupos, dos discursos sobre gênero e raça, anteriormente regidos pelos grupos dominantes, bem como as relações entre gerações dentro do contexto contemporâneo se tornam força motriz na escrita asiática no Canadá, principalmente nas de autoria feminina. Nessa perspectiva, sob a emergência das teorias pós-coloniais e críticas culturais contemporâneas, torna-se prolífico o campo da produção literária de mulheres asiáticas em território canadense. Destacando-se como país cujas políticas e receptividade ao imigrante se sobressaem mundialmente, o campo literário nos oferece textos que

incitam uma discussão sobre a situação atual da mulher migrante, bem como a reflexão acerca das reconstruções identitárias no entre lugar. Essas discussões estimuladas pela heterogeneidade característica do país, bem como a demanda nos escritos dos sujeitos antes marcadamente periféricos, franqueiam, assim, o rompimento com as noções atreladas a uma nacionalidade apenas europeia/branca.

Desse modo, refletindo sobre as mobilidades contemporâneas e a literatura produzida pela vivência do trânsito cultural, lançamos um olhar sobre a literatura de mulheres asiáticas e a experiência do corpo como espaço de reinscrição simbólica do eu. Um corpo que habita espaços que o tolhem a uma adaptação dentro da cultura dominante e ao mesmo tempo se torna foco da ação violenta por apresentar-se como o outro. O corpo se torna um reflexo arbitrário de demandas sociais variadas, sendo pois, “vivências que se revestem de um significado especial, quer seja pela subjugação e violência sentidas no corpo ou pelo agenciamento que se constrói [...] por meio de inscrições culturais” (ALMEIDA, 2015, p. 139). Assim, o corpo violado, etnicizado, racializado nos permitem analisar as trajetórias e resistências dessas mulheres nas diásporas contemporâneas.

A produção e emergência do *Asianadian*: denominando-se asiático canadense

Ao abordarmos a literatura de mulheres asiático-canadenses nos inserimos num contexto de embates relacionados ao sentimento de pertença e à posição ocupada por estas mulheres oriundas e/ou mesmo frutos das diásporas numa sociedade diversificada, cujas fronteiras estão diluídas. As intensas mobilidades físicas e até mesmo subjetivas induzem a uma produção de identidades plurais, gerando um fluxo de intervenções e ampliações de significados culturais. Dentro desse contexto, as múltiplas esferas que permeiam a demarcação “asiático” dentro das literaturas de cunho diaspórico ofertam uma visão daqueles povos à margem, ao mesmo tempo em que refletem os entrecruzamentos entre línguas, culturas, rupturas intergeracionais, violência de gênero, racismo entre outros temas, expondo uma perspectiva transcultural. De acordo com Nora Tunkel (2012, p. 115) “As perspectivas que se conquistam através de uma abordagem transcultural da literatura tornam-se, assim,

especialmente relevantes para os textos que disputam a formação de identidades, sejam estas comunitárias ou individuais, étnicas ou raciais, ou determinadas por outros marcadores culturais”¹. A recorrência dos aspectos que envolvem o conceito de transculturalidade no presente trabalho se deve a sua viabilidade em lidar com o clã das narrativas móveis, cujos textos ficcionais exploram as diásporas, as experiências pós-coloniais, as questões identitárias entre outros aspectos afetados por fluxos migratórios ininterruptos. No caso canadense, segundo aborda Kit Dobson (2009) em publicação recente, intitulada *Transnational Canada*, o florescimento das literaturas de grupos minoritários não codifica ou demarca apenas o ‘outro’ dentro de um território específico, mas se torna fator preponderante de mudanças na constituição da nação e de seu arcabouço literário.

Dessa forma, ao lançarmos nosso olhar sobre a literatura canadense de viés asiático, percebemos as novas vozes questionadoras das políticas multiculturais do passado e de seus tentáculos usurpadores, da exclusão e dos impactos das reconfigurações identitárias entre gerações de migrantes que por vias transculturais, demonstram os embates e intempéries que fazem parte da formação dos sujeitos contemporâneos.

O aumento da diversidade cultural tem se tornado uma das características mais fascinantes e marcantes na literatura contemporânea do Canadá, com escritores de variadas experiências étnicas adentrando as arenas das línguas literárias inglesa e francesa no país. [...] Os temas que se sobressaem em tal literatura transcultural (escritas em inglês ou francês) incluem a busca de um indivíduo ou um imigrante ou comunidade indígena por uma identidade cultural, assim como as tensões entre estas buscas coletivas e individuais. (NISCHIK, 2008, p. 19)²

1 “The perspectives gained by a transcultural approach to literature thus become especially relevant for texts that dispute the formation of identities, whether communal or individual, ethnic or racial, or determined by other cultural markers”.

2 “Increasing transcultural diversity has become one of the strongest and most fascinating characteristics of contemporary literature in Canada, with writers of many ethnic backgrounds entering the arena of English – and French – language literature in Canada. [...] Prominent themes in such transcultural literature (written in either English or French include the quest of an individual or an immigrant or indigenous community for cultural identity, as well as tensions between these individual and collective quests”.

Portanto, “A literatura asiático Canadense pode se tornar um importante local para se repensar as conexões entre história, representação e mudança social” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, Introduction, xvi)³. Essa “ficção da memória” ilustra a natureza construtiva de um imaginário de ação recíproca entre passado e presente. Dentro dessa dinâmica “todas as [nossas] histórias habituais são modificadas com o tempo, alteradas, tanto no presente, como o presente é moldado pelo passado” (KOGAWA, 1983, p. 25)⁴. Assim, a cambiante cena literária contestadora de um lugar, de pertencimentos, de identidades, numa nova ordem transcultural, desloca as ortodoxias de outrora para reavaliar e dispor o aqueduto de histórias anteriormente desviadas do fluxo principal. No entanto, segundo Guy Beauregard (1999, p. 53) “Não obstante o fato de que os asiáticos canadenses têm escrito desde o final do século XIX, o uso do termo “literatura asiático canadense” é relativamente recente”⁵. A denominação asiático-canadense⁶ só entrou em vigor com propriedade, oficialmente, por volta da década de setenta, sendo empregado pela primeira vez em uma antologia denominada *Inalienable Rice*, produzida pela Powell Street Society e a Chinese Canadian Writer’s Workshop, em 1979. Porém, o reconhecimento como parte significativa da história canadense se deu juntamente à abolição das políticas de imigração branca a partir de 1967, fazendo com que seus escritos abandonassem a clandestinidade, regida pelas antigas percepções eurocêntricas. Essas mudanças foram registradas através da publicação da revista intitulada *The Asianadian: An Asian Canadian Magazine*, com produção entre os anos de 1978 a 1985, cuja influência repercutiu na ‘junção de povos’ do leste asiático, ainda que diferenciados, e de suas expressões literárias também variadas, como demonstração de uma

3 “Asian Canadian literature can become an important site in which to rethink connections between history, representation, and social change” (DOMÍNGUEZ; LUCAS; LÓPEZ, 2011, Introduction, xvi)

4 “all our ordinary stories are changed in time, altered as much by the present as the present is shaped by the past”.

5 “Despite the fact that Asian Canadians have been writing since the late nineteenth century, the usage of the term ‘Asian Canadian literature’ is relatively recent”.

6 Referente aos povos do Leste, Sul e Sudeste da Ásia e que correspondem aos Chineses, Japoneses, Indianos, Paquistaneses, Filipinos, Coreanos, Vietnamitas, Tailandeses, entre outros. Já os povos do Oeste asiático são denominados “Arab Canadians” (Árabe-canadenses), dentre estes: Afegãos, Árabes, Iranianos, Armênios, Libaneses, Sírios, Iraquianos e Assírios.

força motriz das minorias e a demanda por um espaço de expressão cultural dentro do Canadá.

Conforme destaca Larissa Lai (2014, p. 1) “a formação da literatura Asiático Canadense tal qual fora concebida nos anos de 1980 e 1990, emerge como uma ruptura”⁷. Oriunda da confluência de fatores, tais como, a vigência do *Multiculturalism Act*, de 1988, o pedido de desculpas oficial do Governo Canadense aos nipo-canadenses pelo internamento dos mesmos durante a Segunda Guerra Mundial e a aceitação das teorias pós-estruturalistas nas universidades, conjuntamente ao trabalho de comunidades Asiático Canadenses e outros grupos minoritários que se tornaram, segundo Lai (2014), fatores constituintes da ideia de uma identidade Asiático-Canadense.

Narrativas da diáspora: o corpo diaspórico

Nessa perspectiva, sob a emergência das teorias pós-coloniais e críticas culturais contemporâneas, torna-se prolífico o campo da produção literária de mulheres asiáticas em território canadense. Destacando-se como país cujas políticas e receptividade ao imigrante se sobressaem mundialmente, o campo literário nos oferece textos que incitam uma discussão sobre a situação atual da mulher migrante, bem como a reflexão acerca das reconstruções identitárias no entre lugar. Essas discussões, estimuladas pela heterogeneidade característica do país, bem como a demanda nos escritos dos sujeitos antes marcadamente periféricos, franqueiam, assim, o rompimento com as noções atreladas a uma nacionalidade apenas europeia/branca. O romance de Gurjinder Basran é, pois, prolongamento dessas fronteiras, atualizando a perspectiva diaspórica sobre os indo-canadenses, rompendo com as visões consolidadas pela esfera dominante.

Nesse sentido, o romance de Gurjinder Basran, *Everything Was Good-Bye* (2010) tenciona as instabilidades vivenciadas pela protagonista chamada Meena (Meninder) e suas irmãs Serena e Harjinder. Narrado em primeira pessoa, a narrativa nos introduz à pequena Índia erigida no subúrbio de Vancouver, conduzindo-nos através dos penetrantes aromas indianos e da dinâmica de suas tradições, às complexidades da vivência entre culturas. No

decorrer do romance, identificamos Meena como sendo a filha mais jovem dentre seis irmãs, descendente de pais indianos. Nasceu na Inglaterra e migrou com a família para o Canadá ainda em tenra idade. Após o falecimento do pai, durante um acidente de trabalho, mudanças significativas na rotina da família passam a estabelecer ditames mais rígidos às mulheres.

Ao longo da narrativa, Meena nos conta sua estória intercalando memórias do passado ao tempo presente, descrevendo sua infância até a fase adulta. Entre os episódios narrados pela protagonista, um desses se relaciona a sua irmã do meio chamada Harjinder, cujo comportamento dissonante daquele esperado pela comunidade provoca uma ruptura da personagem para com a família e o contexto social indiano ao qual pertencia. Essa quebra e consequente rejeição sentida pela irmã de Meena se dá pela violência sexual exercida pelo dominador. Deste modo, sua irmã Harj, ao sofrer a violência física por parte de um grupo de rapazes, é atingida pela violência social no interior de sua própria comunidade, “Harj, que estudou sociologia na universidade, uma vez me disse que éramos um alvo natural para os julgamentos: a família que fora ferida era presa fácil para uma comunidade muitas vezes fechada em si mesma” (BASRAN, 2010, p. 49)⁸. Devido à situação de viuvez da mãe, as jovens da família estavam inseridas num contexto ainda mais delimitador, sendo, pois, cercadas pelo olhar de outras mulheres da própria comunidade que exerciam, juntamente com a matriarca da família, um controle sobre a vivência delas.

A pressão sofrida pela personagem força-a a mover-se para um “novo lugar” social, agora vinculado à metrópole. Em decorrência desses acontecimentos, a jovem Harj abandona o lar meses depois da violência vivenciada por não suportar as pressões e os julgamentos que lhe são impostos pela comunidade. De acordo com Almeida (2015, p. 126) “essas mulheres racializadas que transitam no espaço global entre a periferia e um centro hegemônico, não há uma saída fácil e nem sempre o agenciamento é uma possibilidade de redenção nesse trânsito de destituídos”. Ainda assim, o deslocamento forçado materializa em seu corpo a princípio um movimento errante que vislumbra a possível criação de novos rizomas.

⁷ “the formation of Asian Canadian literature as it was conceived in the 1980s and 1990s emerges as a rupture”.

⁸ “Harj, who had studied sociology in university, once told me that we were a natural target for judgments: a family already wounded was easy prey for a community that often turned on itself”.

Nesse contexto, tanto a vizinhança como a mãe das jovens, representantes do patriarcado gestor dos direcionamentos das mulheres de sua etnia, assinala a opressão dessas dentro do contexto cultural bastante diferente em que agora vivem. E vale lembrar que, segundo Domínguez; Lucas; López (2011, p. 15) “o medo da contaminação cultural é expressa em muitas histórias através de referências ao corpo da filha e a desonra da família, seguindo a lógica da posse patriarcal dos corpos das mulheres”⁹. Dessa forma, as mulheres tendem a se tornar um território da tradição e parte integrativa da raiz comunitária onde habitam. No caso de Harj, essa foi seguida durante dias por um carro até sua casa; ela foi levada à força e violentada por um grupo de rapazes brancos e, mesmo assim, não foi considerada vítima. É observada/controlada pelas mulheres da vizinhança, detentoras do poder de inquirir e controlar os membros do grupo, que repassam para sua mãe parte dos fatos, “Elas eram induzidas por sua moral a passarem suas tardes olhando para fora das janelas, reunindo fofocas [...] eram uma mistura de leiloeiro e colunista que fiavam histórias como teias, ocasionalmente devorando vítimas como minha irmã Harj” (BASRAN, 2010, p. 49)¹⁰. A tentativa de explicar o fato ocorrido de nada adianta, “Harjinder tentou explicar o que aconteceu, que ela fora arrebatada, e levada para um terreno abandonado... Suas palavras retrocederam, engolidas aos soluços com a boca aberta. Minha mãe a esbofeteou. “Pare! Pare! Nem mais uma palavra”, ela gritou (BASRAN, 2010, p. 49)¹¹. Ao final de algumas semanas, Harjinder se desliga da família e comunidade. Apesar de posteriormente a genitora tentar uma reconciliação, Harj não retorna para o lar, sendo introduzida forçosamente à cultura dominante do país em que se insere, partindo para viver na cidade por conta própria. A esse respeito, observa-se em relação à pertença étnico-social,

9 “the fear of cultural contamination is expressed in many stories through references to the daughter’s body and family dishonour, following the logic of patriarchal possession of women’s bodies”.

10 “they were induce by their morals to spend their afternoons looking out the windows, gathering gossip [...] they were a blend of town crier and gossip columnist who spun stories like webs, occasionally devouring victims like my sister Harj”.

11 “Harjinder tried to explain what happened, that she had been grabbed, driven to an empty lot... Her words fell back, swallowed in open-mouthed sobs. My mother slapped her. “Stop it! Stop it! Not another word she’d yelled”.

[D]e modo geral, importa reconhecer que, qualquer que seja o grupo considerado, a questão de saber o que significa ser membro de um grupo nunca se torna objeto de consenso, e que as definições de pertença estão sempre sujeitas à contestação e à redefinição por parte de segmentos diferentes do grupo. O fato de decidir quem é membro da comunidade e quem deve ser excluído dela é, por exemplo, como já assinalamos, um lance central da oposição entre elite tradicional e nova elite. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011)

Após o ocorrido com Harjinder, e sob o temor da “contaminação” e obliteração cultural em decorrência da marca deixada por sua irmã na família, a mãe de Meena decide enviá-la para a Inglaterra como um modo de restabelecer os parâmetros culturais tradicionais, ou pelo menos, de amenizar as estórias que circulavam sobre a filha na comunidade, forma também de restauração simbólica da honra familiar, pois Hajinder rejeita sua objetificação, e se afirma como sujeito ao romper relações com a família e comunidade, tomando para si o comando de sua vida.

A violência que marca Harjinder pode ser caracterizada como uma violenta experiência em seu lugar de origem, sua comunidade indiana, tanto quanto entre os canadenses não-hifenizados. Assim, esse corpo inscrito no texto, aquele que se torna território, inscrição cultural e entidade política, revela pelo prisma da dominação pelo desejo de posse e “explorado sexualmente, o corpo abjeto em sua manifestação mais pura, se torna, pois emblemático da experiência da diáspora” (ALMEIDA, 2015, p. 115).

Ainda segundo Almeida, a violência sofrida por Harj provoca uma fragmentação subsequente de sua identidade, tecendo novas indagações na personagem que se incorporarão às suas futuras experiências ao deslocar-se para à metrópole. Essa mobilidade e o ato de desvincular-se enfatizam o trânsito cultural experienciado traumáticamente por Harj. A mudança a faz desvencilhar-se de alguns aspectos da cultura ancestral, causando uma negação dessa, ao mesmo tempo em que corrobora para a criação de um novo eu, favorecido pela mobilidade, mas de certo modo apagado como forma de se introduzir no contexto do dominador e ser aceita pela sociedade que a oprimiu. É notório, que no romance, o corpo das personagens é vinculado à honra, estabilidade e cultura como forma de demarcar suas posições dentro

da comunidade. Direcionadas pela mãe, uma viúva que toma para si o papel de mantenedora dos bons costumes e tradição familiar, na ausência do patriarca, as jovens devem seguir rituais sociais, pois o corpo é também diretamente, mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele numa influência imediata, elas investem contra ele, o marcam o adestram, o supliciam, o constringem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos” (COURTINE. 2013, p. 16). Dessa forma, as idas ao templo, o preparo dos alimentos, o servir do *chai* e demais momentos de socialização servem como delineadores do lugar social de cada uma delas.

Assim, “refletir sobre as inscrições do corpo na diáspora pressupõe um estreito vínculo com as questões de lar e pátria” (ALMEIDA, 2015, p. 95). Nesse contexto, devemos levar em consideração os elementos da cultura ancestral presentes na comunidade a que Meena e Harjinder pertencem, pois a vizinhança é composta por imigrantes sul-asiáticos e seus respectivos descendentes. Dessa forma, erguida como uma pequena Índia nos arredores de Vancouver, que se destaca pelos aromas, compreendidos como representação das subjetividades diaspóricas, lastro das marcas identitárias recorrentes e envoltórias da protagonista ao longo do romance, a comunidade é ratificada logo no prelúdio narrativo pela presença de algumas das especiarias basilares da cultura indiana, “o aroma do *chai* – erva doce, cravo e canela – me colocavam para debaixo do meu cobertor como uma semente de cardamomo na vagem” (BASRAN, 2010, p. 2)¹². Essas subjetividades decorrentes dos processos diaspóricos, não são formatadas apenas em conformidade com as emoções e conexões nostálgicas de um lar longínquo. As mesmas se constituem, também, veementemente pelas dimensões afetivas do presente. Nesse sentido, os aromas peculiares da culinária indiana reforçam as marcas étnicas, lembrando à Meena seus compromissos para com a mãe, reforçados por sua irmã Serena, que repete o papel doméstico e sintonizado com a cultura de origem assumido pela progenitora. Esse espaço é claramente representativo e reprodutor do núcleo cultural de origem, principalmente através da figura materna, mantenedora das tradições.

Vemos assim que o contexto diaspórico asiático, por sua vez, está vinculado a três aspectos inter-relacionados

e classificados segundo Steven Vertotec (1997, p. 228) “como um modelo social, como um tipo de consciência social, e como uma forma de produção cultural”¹³. Como modelo social toma por base os contíguos laços reais ou imagéticos com o país de origem. O segundo aspecto, mais especificamente, condiz com o contexto asiático em foco, no qual as protagonistas vivenciam uma dinâmica de tensões, oriunda da “nova mobilité”. Conforme ressalta Stella Bolaki (2011), tal mobilidade demarcaria a habilidade do trânsito cultural, as variadas experiências, sejam essas de exclusão ou de identificações positivas e a resistência à hifenização identitária, fatores esses desafiadores do plano de ação nacionalista canadense. Nesse sentido, consciência social, “refere-se aos indivíduos que habitam e circulam por diversas sociedades e culturas, enfatizando os seus sentimentos de pertença ou exclusão, seus estados de espírito, e suas percepções da identidade” (AGNEW, 2008, p. 5)¹⁴. Como habitantes do entre lugar, as personagens buscam maneiras de interação com os meios sociais. Dessas interações, despontam as transformações nas condições de vida, capazes de impulsionar o surgimento de modificações significativas na ordem social e cultural, culminando inclusive na parcial mudança ou questionamento das identidades culturais.

Podemos observar que os corpos das personagens são envolvidos pelos aromas típicos da culinária indiana, como um reforço a rememoração da tradição algo que para Harjinder será apenas um identificador ao reencontrar sua irmã Meena, após quinze anos. O encontro ao acaso apresenta a mudança ocorrida em Harj; sua vivência na metrópole marca a transgressão da personagem e a forma como “os efeitos da violência no corpo feminino etnicizado e racializado – violência essa que assume diferentes matizes, mas deixa ruínas e escombros sob os quais deverão se reerguer os sujeitos da diáspora” perpetuam em Harj, não permitindo que a mesma se desvencilhe do trauma imposto não apenas pelos rapazes brancos, mas também pelo legado materno responsável por endossar as marcas de uma transgressão forçosa e imputada. O encontro, em uma loja de departamentos, é marcado pela busca por agarrar-se às semelhanças e, ao mesmo tempo, pelo estranhamento.

13 “as a social form, as a type of social consciousness, and a mode of cultural production”.

14 “refer to individuals who live in a variety of societies and cultures and who emphasize their sense of belonging or exclusion, their states of mind, and their sense of identity”.

12 “the smell of *chai* – fennel, cloves and cinnamon – tucked me into my blanket like a seed in a cardamom pod”.

“Você é tão sortuda, pois saíra mais cedo, Harj”, disse um caixa ao outro. Deixei cair o chocalho quando a vi, e quando me inclinei para pegá-lo, ela caminhou por mim, o aroma de seu perfume lírio do vale bastante persistente. Olhei para a porta da frente que na qual ela acabara de sair e deixei a minha compra para trás no intuito de apressar-me até ela - dentro e fora das lojas, através das ruas, observando-a de uma distância segura até que ela estava prestes a entrar na estação de trem e eu pensei que a perderia. Eu gritei. Ela virou-se, apertando os olhos para mim como se estivesse fora de foco. “Meena?” Nós não nos abraçamos. Nós tropeçamos em nossa própria surpresa, agarrando o familiar entre nós, embora estivéssemos tão estranhamente desconhecidas - listando os detalhes de nossas vidas por sob o barulho dos passageiros, todas as outras palavras silenciadas ao passar do tráfego e o artista de rua que tocava violino clássico por centavos. Toda vez que eu olhava para ela, realmente quando a olhava, ela abaixava os olhos e a fileira dos carros que se aproximavam jogavam o cabelo pelo rosto como fios de teias de aranha. Ela não era como eu me lembrava dela - ainda alta, mas agora de alguma forma esticada, como se todas as suas características tivessem sido arrancadas; seu rosto já cinza agora parecia nervoso, suas bochechas como penhascos e seus olhos como cavernas. (BASRAN, 2010, p. 226-227)¹⁵

Aos olhos de Meena, sua irmã Harjinder está moldada pelas condições sociais que lhe foram impostas revelando algo não familiar, algo “que se encontra em um interstício, em um entre lugar do desejo, da atração,

15 “You’re so Lucky you’re off early, Harj”, one cashier said to another. I dropped the rattle when I saw her, and as I bent over to pick it up she walked by me, the scent of her lily of the Valley perfume lingering. I stared at the front door that she’d just walked out of and left my purchase behind to hurry after her – in and out of stores, across streets, observing her from a safe distance until she was about to enter the train station and I thought I’d lose her. I called out.

She turned, squinting at me as if I were out of focus. “Meena?”

We didn’t hug. We stumbled in our own surprise, grasping at the familiar in each other although we were so obviously unfamiliar – listing the details of our lives over the din of commuters, every other word muted by passing traffic and the street performer who played classical violin for pennies. Every time I looked at her, really looked at her, she lowered her eyes and the rush of the oncoming cars swept her hair across her face like strands of cobwebs. She wasn’t as I had remembered her – still tall, but now somehow stretched, as if all of her features had been pulled up; her once-chiselled face now seemed edgy, her cheeks like cliffs and her eyes like caverns. (BASRAN, 2010, p. 226-227)

mas também da repulsa e da negação” (ALMEIDA, 2015, p. 103). Um estranhamento que marca a fisionomia de Harj principalmente em relação ao seu olhar, que como cavernas, não revelam seu interior. Essa diferenciação ocasionada pela transformação sociocultural da personagem demarca em sua face, como em seu corpo desprovido das características familiares, segundo o fragmento demonstra – arrancados – da personagem demonstram como a mudança abrupta cingida sob Harj, coloca seu corpo como marca do entre lugar, dos processos diaspóricos sofridos e o surgimento de algo novo e não reconhecível por seus antigos pares. Este novo corpo, estranho aos olhos de sua irmã protagoniza a força desestabilizadora do deslocamento e desenraizamento enfatizando-a como ser movente e em reconstrução. Segundo Margaret McLaren (2016, p. 110) “ Na visão de inscrição social o corpo é visto como condicionado por sua situação histórica. Corpos, em sua materialidade e em nossa concepção, são moldados por forças históricas e culturais”. Assim, a fragmentação de suas identidades e o processo não linear de reconstrução desdobram-se em diversas instâncias. Verificamos que o deslocamento, de certo modo um exílio que se perpetua entre Harj e a comunidade da qual foi desvinculada, cria uma marca neste corpo invadido e reinscrito.

Considerações finais

Assim, destacamos que a literatura e mais particularmente a literatura desenvolvida pelas mulheres asiático-canadenses tornam-se instrumentos de análise e problematização da sociedade, nos permitindo apreender e discutir os conflitos dos indivíduos através do ressurgimento e da apropriação do romance como espaço híbrido. Esse, por sua vez, voltado a explorar os fenômenos relevantes, os corpos como espaço de inscrição cultural, frutos da multiplicidade e tensões geradas pelos encontros culturais. A narrativa em tela nos revela, então, “que a experiência da diáspora não pode ser separada do corpo material e simbólico nem das vivências desse corpo que é irremediavelmente gendrado, etnicizado e racializado” (ALMEIDA, 2015, p. 139). Dessa forma, propõe a investigação da interação entre individualidade e coletividade neste corpo como forças que se fragmentam na construção de processos, englobando misturas e a consequente transfiguração da protagonista do

romance e demais personagens, que se tornam agenciadores/as de si conciliando entre os efeitos da violência neste corpo marcado pelos movimentos diaspóricos novas possibilidades de reinscrição social.

Referências

- AGNEW, Vijay (ed.). **Diaspora, memory and identity: a search for home**. Toronto, Canada: University of Toronto Press, 2008.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- BASRAN, Gurjinder. **Everything Was Good-Bye**. British Columbia: Mother Tongue Publishing, 2010.
- BEAUREGARD, Guy. The Emergence of ‘Asian Canadian Literature’: CanLit’s Obscene Supplement?. **Essays on Canadian Writing**. n. 67. 53-75, 1999.
- BOLAKI, Stella. **Unsettling the bildungsroman: reading contemporary ethnic American women’s fiction**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2011.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- DOBSON, Kit. **Transnational Canadas: Anglo – Canadian Literature and Globalization**. Ontario, Canada: Waterloo Laurier University Press, 2009.
- DOMÍNGUEZ, Pillar Cuder; LUCAS, Belén Martín; LÓPEZ, Sonia Villegas. **Transnational Poetics: Asian Canadian women’s fiction of the 1990s**. Ontario, Canada: TSAR Publications, 2011.
- KOGAWA, Joy. **Obasan**. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin, 1983.
- LAI, Larissa. **Slanting I, Imagining We: Asian Canadian literary Production in the 1980s and 1990s**. Ontario, Canada: Wilfrid Laurier University Press, 2014.
- NISCHIK, Reingard M. (ed.). **History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian**. New York: Camden House, 2008.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Tradução Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- TUNKEL, Nora. **Transcultural Imaginaries: History and Globalization in Contemporary Canadian Literature**. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.
- VERTOTEC, Steven. Three meaning of “diaspora” exemplified among South Asian religions. **Diaspora: a Journal of Transnational Studies**, vol. 6, n. 3, (Winter), 1997.
- MCLAREN, Margaret A.. **Foucault, feminismo e subjetividade**. Tradução Milton Milanez. São Paulo: Intermeios, 2016.

Data de recebimento: 10/12/2017.

Data de aceitação: 20/12/2017.